Inês Duarte

40.º ENAPL

S. Miguel, 25.10.2024

APL 40 anos

Dar voz à Linguística Criar uma comunidade

Começo por agradecer à Direção da APL, em particular à Cristina Flores, este convite, que não só me honra como me deu uma alegria imensa. Contribuí para o nascimento da APL, estive entre as muitas tias e os poucos tios que a ajudaram a crescer nos seus mais verdes anos, e vejo-a agora chegar à maturidade, pujante e cheia de iniciativas.

Ao preparar o que trouxe aqui para partilhar convosco, revisitei artigos e conferências dos 39 encontros nacionais, e busquei na memória iniciativas que ou não deixaram registo escrito ou não estão ainda referidas no sítio da APL. O recurso ao balanço feito pela Ana Brito e pelo João Costa da atividade da APL nos seus 25.º e 30.º aniversários foram uma ajuda preciosa. Mas compreenderão que vos fale essencialmente dos mais verdes anos da nossa associação, aqueles em que estive mais intensamente ligada à sua atividade: como membro da comissão organizadora do *1.º Encontro de Linguistas Portugueses* em 1984, como vice-presidente da direcção no segundo mandato da Raquel Delgado-Martins (1988-1990) e nos dois mandatos da Isabel Faria (1994-1998) e, finalmente, como presidente no biénio 2004-2006.

Então vamos lá primeiro recuar no tempo.

Tudo começou com uma conversa no início de 1984, que deu origem nesse mesmo ano ao *I Encontro de Linguistas Portugueses*. Como disse Maria Helena Mateus no texto de abertura do Encontro,

> *O projecto nasceu há cerca de seis meses e foi acolhido com entusiasmo, por corresponder ao desejo que desde há muito*

sentíamos de nos encontrarmos, de nos sabermos nas dificuldades, esperanças, trabalhos realizados e perspectivas futuras.

Este projeto respondia, portanto, a uma necessidade sentida de constituir aqui, como já havia em muitos outros países, um fórum que agregasse os linguistas seniores e que contribuísse para a formação dos juniores. E ao projeto aderiram com entusiasmo quatro instituições.

Para terem uma ideia da nossa dimensão na época, o número de doutores na área em Portugal não chegava à quinzena: incluindo aqui o Eduardo Paiva Raposo, que já se tinha mudado para a UCSB, e o Óscar Lopes, com toda a justiça nomeado catedrático no pós--25 de Abril graças ao seu currículo.

Era um tempo em que, na academia, a palavra "linguista" motivava educados sorrisos de desdém ou indiferença. Em que a luta pela afirmação da linguística nos currículos dos cursos de LLM e nos ensinos básico e secundário era diária. Era também um tempo ainda sem computadores nas unidades de investigação e ensino da nossa área; a *world wide web* só surgiria no CERN em 1989-90, e o recurso a bibliografia era custoso (na dupla aceção de caro e difícil).

O certo é que, meio ano volvido sobre o início do projeto, o *I Encontro de Linguistas Portugueses* se realizava, nos dias 2, 3 e 4 de Outubro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Os trabalhos organizaram-se em quatro grandes secções, subordinadas às quatro questões então consideradas centrais: Quem somos e onde estamos? O que ensinamos? A que "famílias" linguísticas pertencemos? Como podemos contribuir para o sucesso do ensino do português?

Quem somos e onde estamos?

Actividade de ensino e investigação em Linguística, a cargo das instituições de ensino superior portuguesas, que também contou com testemunhos da Universidade de Paris VIII, de Cabo Verde e de Moçambique.

As três restantes secções tinham um formato de mesa-redonda: presidente, num duplo papel de orador inicial e moderador, intervenções convidadas e debate.

O que ensinamos?

O Ensino de Linguística na Universidade teve como presidente o Prof. Manuel Paiva Boléo, então com 80 anos. Seguiram-se-lhe intervenções de Luís Filipe Lindley Cintra, Júlia Dias Ferreira, Isabel Faria, Ernesto de Andrade Pardal, Ana Maria Brito e Maria Emília Ricardo Marques.

A que "famílias" linguísticas pertencemos?

Perspetivas de Investigação em Linguística Teórica, cujo presidente foi Luís Filipe Lindley Cintra, contou com intervenções de Henriqueta Costa Campos, João Malaca Casteleiro, José Herculano de Carvalho, Mário Vilela, Óscar Lopes e de mim própria, em substituição do Eduardo Paiva Raposo, que acabou por não poder voar para Portugal.

Como podemos contribuir para o sucesso do ensino do português?

Finalmente, na secção *Linguística e Ensino da Língua Materna*, com Óscar Lopes como presidente, intervieram linguistas e membros da Associação de Professores de Português: Dulce Rebelo, Joaquim Fonseca, Fátima Carvalho Lopes, Maria Helena Mateus e Maria José Ferraz.

No segundo dia do *Encontro* foi inaugurada uma exposição que pretendia "apresentar uma mostra tão significativa quanto possível" de três decénios de publicações de linguistas portugueses: *Os últimos 30 anos na Linguística em Portugal*. O buquê de colegas, funcionários e amigos que trabalharam na organização desta iniciativa é prova do entusiasmo e da entreajuda que se viveu na preparação daquele que seria o pontapé de saída da APL.

Reler hoje as *Actas* do *1.º Encontro* teve para mim um sabor especial, já que, com a Maria Helena Mateus, a Fátima Oliveira e a Graça Vicente, integrei a comissão organizadora. Fez-se neste encontro o rol dos problemas e das necessidades que sentiam os linguistas para o avanço da investigação e para a formação de jovens linguistas e de professores de língua. Nos debates, sobressai a vontade de afirmar o papel social da Linguística na

formação de professores e a consciência de contactos a explorar com outras áreas científicas para além da História e da Literatura.

A verdade é que as conclusões deste evento deixaram sementes que foram germinando até se concretizarem. Limitar-me-ei a referir as duas primeiras e a última:

1. "Os participantes do 1.º Encontro de Linguistas Portugueses aprovam a criação da Associação Portuguesa de Linguística – APL."

Como todos sabemos, esta conclusão foi concretizada no mesmo ano, com a assinatura da escritura de constituição da APL em 7 de Dezembro de 1984. Foram signatários: Ivo Castro, Maria de Fátima Carvalho Lopes, Adelina Angélica Pinto Coxito, Ana Maria Brito, José de Azevedo Ferreira, Jorge Morais Barbosa, Maria do Céu Viana, Alina Villalva e Isabel Raposo Almeida.

2. "A APL, que agora se constitui, considera tarefa primordial a progressiva criação de Departamentos de Linguística nas Faculdades da área das Ciências Sociais e Humanas, os quais poderão propor, a médio prazo, licenciaturas em Linguística."

Esta conclusão foi parcialmente concretizada: na FLUL e na FCSH existem hoje departamentos de Linguística como unidades orgânicas. Quanto à oferta de licenciaturas em Linguística, rebatizadas Ciências da Linguagem após Bolonha, contamos com três: a da FLUL, com início em 1987/1988, a da FCSH, que arrancou em 1993/1994, e a da FLUP, que começou em 2007/2008. Mas em muitas instituições de ensino superior se oferecem atualmente, com a designação Linguística ou Ciências da Linguagem, cursos de mestrado e de doutoramento (Algarve, Évora, Lisboa, Nova, Minho e Porto) ou só de doutoramento (Aveiro, Católica-Braga, Coimbra e Trás-os-Montes e Alto Douro). E floresceram centros de investigação que têm visto o seu trabalho reconhecido internacionalmente.

11. "Deve realizar-se pelo menos um encontro anual dos linguistas portugueses, que se constitua em espaço de informação, debate e confronto científico, através da apresentação das investigações em curso."

A última das conclusões tem-se concretizado com a precisão de um relógio suíço nos últimos quarenta anos.

Três apostas ganhas, portanto.

No primeiro quarto de século da sua vida, a APL promoveu um número impressionante de iniciativas, visando três objetivos fundamentais: formar uma comunidade científica, internacionalizar essa comunidade, afirmar a nossa área de saber junto de instituições nacionais de direção, gestão e financiamento do ensino e da investigação.

De facto, através destas iniciativas, a APL teve um papel fundamental na formação de uma comunidade de investigadores, proporcionando:

– espaços de aprendizagem – Como escrever uma comunicação? Como apresentá-la? Como fazer e como responder a perguntas num evento científico?

– contacto com a investigação de ponta que linguistas estrangeiros de renome internacional traziam até nós;

– oportunidades de formação avançada, concretizadas em muitos casos através da escolha, como orientadores ou coorientadores, de linguistas convidados para iniciativas da APL.

A afirmação da Linguística junto de instituições nacionais foi um objetivo (pelo menos parcialmente) atingido. O financiamento das iniciativas da nossa associação pela então JNICT/posteriormente FCT e pela Gulbenkian permitiu a realização e a divulgação destas, através de publicações, de início pouco exigentes do ponto de vista editorial. O reconhecimento da APL pelo Ministério da Educação, que começou com a nossa presença em 1996 no Conselho Nacional dos Exames do Ensino Secundário, tem prosseguido e assumido diversas formas, ora mais ora menos crispadas. Também na então JNICT/FCT a Linguística ganhou o seu lugar nos painéis de avaliação de projetos e bolsas, bem como nos seus pouco duradouros conselhos consultivos.

Finalmente, em diversos momentos, na sequência de debates públicos sobre questões queridas à sociedade civil, a APL tem sido ouvida, embora nem sempre o seu parecer

tenha sido seguido. Um desses casos foi o do parecer de 2005 sobre o acordo ortográfico agora em vigor.

Ter contribuído para o nascimento da APL e, durante mais de duas décadas, para o seu crescimento foi, sem dúvida, uma das experiências mais gratificantes da minha vida profissional. O meu caloroso obrigado à direção da APL por esta oportunidade para recordar tempos e pessoas a quem muito devo.

Obrigada, APL!